



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ANA PAULA GOMES DA SILVA**

**PRÁTICAS LÚDICAS E ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS**  
**INICIAIS: REFLEXÕES DOCENTES**

Bananeiras/PB

2021

ANA PAULA GOMES DA SILVA

**PRÁTICAS LÚDICAS E ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS  
INICIAIS: REFLEXÕES DOCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação do Campus III da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria da Conceição Farias da Silva Gurgel Dutra.

Bananeiras/PB

2021

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586p Silva, Ana Paula Gomes da.

Práticas lúdicas e alfabetização no ensino fundamental  
anos iniciais: reflexões docentes / Ana Paula Gomes da  
Silva. - Bananeiras, 2021.

28 f. : il.

Orientação: Maria da Conceição Farias da Silva Gurgel  
Dutra.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHSA.

1. Alfabetização. 2. Práticas Lúdicas. 3. Ensino  
Fundamental - Anos Iniciais. I. Dutra, Maria da  
Conceição Farias da Silva Gurgel. II. Título.

UFPB/CCHSA-BANANEIRAS

CDU 37

**PRÁTICAS LÚDICAS E ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS  
INICIAIS: REFLEXÕES DOCENTES**

Artigo apresentado e aprovado em 13/07/2021, na Universidade Federal da Paraíba, Campus  
III, Departamento de Educação.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Maria da Conceição Farias da Silva Gurgel Dutra - UFPB  
(Orientadora)



---

Profa. Dra. Helen Halinne Rodrigues de Lucena - UFPB  
(Examinadora)



---

Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda - UFPB  
(Examinador)

# PRÁTICAS LÚDICAS E ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: REFLEXÕES DOCENTES

Ana Paula Gomes da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O Ensino Fundamental - Anos Iniciais é a etapa de escolarização dedicada à alfabetização e ao letramento das crianças, em particular o 1º e 2º anos. As instituições são orientadas pela BNCC (2018) a ofertarem atividades lúdicas para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita. Ao explorar elementos lúdicos, o professor lança mão de ferramenta relevante para promoção de conhecimentos e interações com o mundo social. Na condição de professora alfabetizadora, entendemos ser relevante a reflexão das ações e dos trajetos docentes, razão pela qual questionamos como, no cotidiano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, podem ser exploradas as práticas lúdicas para alfabetizar as crianças? A partir desta questão, definimos o objetivo geral: refletir sobre as possibilidades de construção e desenvolvimento de práticas lúdicas na alfabetização de crianças do Ensino Fundamental - Anos Iniciais. O estudo é de cunho qualitativo e fundamenta-se, por exemplo, em Alarcão (2005), Pimenta (2002) e Kishimoto (2017). Para a construção dos dados utilizamos registros de vivências docentes e procedimentos da pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados e a discussão estão sistematizados em duas subseções, intituladas: Reflexões sobre alfabetização e práticas lúdicas e Alfabetização com práticas lúdicas: vivências docentes. Tais reflexões se basearam em práticas lúdicas que privilegiamos utilizar na alfabetização de estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental. As práticas analisadas envolveram atividades com o nome próprio, bingos, fichas de nomes, robôs construídos com material reciclado, etc., procurando sempre articular arte, matemática com a língua escrita e facilitar a interação das crianças com os conhecimentos a partir de seus interesses. O estudo permitiu reconhecermos a pretensão em continuar priorizando metodologias lúdicas e prazerosas, capazes de proporcionar aprendizagens significativas às crianças.

Palavras-chave: Alfabetização. Práticas Lúdicas. Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

## ABSTRACT

Elementary School - Early Years is the stage of schooling dedicated to children's early writing learning and literacy, in particular the 1st and 2nd years. The institutions are guided by BNCC (2018) to offer playful activities for the development of reading and writing skills. By exploring playful elements, the teacher uses a relevant tool to promote knowledge and interactions with the social world. As a literacy teacher, we understand to be relevant the reflection of the actions and paths of the entities, reason why we question how, in everyday elementary school early

---

<sup>1</sup>Graduanda de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus III; e-mail: anapaulagomes201785@gmail.com

years can be explored the playful practices to literate children? From this issue we defined the general objective: to reflect playful practices built for early writing learning of children in Elementary School - Early Years. The study is qualitative and is based, for example, on Alarcão (2005) Pimenta (2002) and Kishimoto (2017). For data construction, we used records of teaching experiences and procedures of biographical and documentary research. The results and the discussion are systematized in two subsections, titled: Reflections on early writing learning and playful practices and early writing learning with playful practices: teaching experience. These reflections were based on playful practices that we privilege to use in the literacy of 1st year elementary school students. The analyzed practices involved activities with the proper name, bingos, name sheets, robots built with recycled materials, etc., always seeking to articulate art, mathematics with written language and facilitate children's interaction with knowledge based on their interests. It also allowed us to recognize the claim we have to continue to prioritize playful and enjoyable methodologies, capable of providing meaningful learning to children.

Keywords: Early writing learning. Playful Practices. Elementary School - Early Years.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

O lúdico tem origem na palavra latina *ludus*, que na língua portuguesa significa "jogo". O dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras (2011), define seu significado como “[...] jogos, brinquedos e divertimentos: o aspecto lúdico da aprendizagem”. O jogo e a brincadeira são compreendidos por especialistas da educação como recursos mediadores de aprendizagem em todas fases de vida, em particular na infância, por estarem articulados as linguagens das crianças e a cultura da infância. Para Santos (2007, p. 12) o lúdico é:

[...] uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento.

O lúdico e as práticas de ludicidade relacionam-se aos jogos, às brincadeiras, as interações e ao ato de brincar, envolvendo o prazer, a motivação, o afeto e o divertimento, elementos da formação cultural das crianças, acompanhando-as por toda a vida.

As instituições de Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental são orientadas a ofertarem às crianças atividades lúdicas e brincadeiras, livres ou planejadas, propiciando situações de brincadeiras e aprendizagens de forma integrada, para o desenvolvimento de capacidades afetivas, cognitivas, motoras e sociais, por exemplo. Ao explorar elementos lúdicos, o professor tem em mãos uma ferramenta didático-pedagógica

relevante, uma vez que as práticas lúdicas quando utilizadas de forma consciente, promovem mediação, motiva a curiosidade pelo conhecimento e interações com o mundo social.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998, p. 27). “Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca”. A partir do que as crianças já conhecem é possível intervir com estratégias didáticas para transformar brincadeiras em espaço de construção de aprendizagem ou para brincar prazerosamente, de forma espontânea e de livre exploração. As práticas lúdicas são mais exploradas na Educação Infantil, perdendo espaço e se fragmentando nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ao considerar a ludicidade e as brincadeiras para o trabalho pedagógico nas diferentes áreas do conhecimento do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, lança-se mão de significativa ferramenta didática para o desenvolvimento integral das crianças.

Brincando as crianças aprendem, a cooperar com os companheiros, a obedecer a regras do jogo, a respeitar os direitos dos outros, a acatar a autoridade, a assumir responsabilidades, aceitar penalidades que são impostas, a dar oportunidades aos demais, enfim a viver em sociedade (KISHIMOTO, 1993, p. 110).

Atividades de jogos e brincadeiras, podem ser mediadas pelo professor, o que não dispensa as crianças de vivenciarem a cultura lúdica de forma espontânea e livre. O professor pode propor e mediar jogos e brincadeiras para as crianças se divertirem e solucionarem problemas, dando oportunidade para que possam realizar as atividades sozinhas ou com a ajuda do outro.

Conforme Kishimoto (2017, p. 20) “brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem”. O ato de brincar de cada criança, apresenta elementos de sua cultura, o que inclui prazer e pertencimento. É relevante saber explorar os elementos lúdicos na escola, como as brincadeiras e os jogos no processo de ensino-aprendizagem. Os seus usos auxiliam a criatividade e a superação de desafios de diversas ordens, como afetivas, de socialização e de aprendizagem.

Nem sempre uma atividade lúdica direcionada a todos em uma sala de aula vai dar satisfação é atingir todos na mesma proporção. Para Vygotsky (1991, p. 62) “Se não entendemos o caráter especial dessas necessidades, não podemos entender a singularidade do brinquedo como uma forma de atividade”. Aquilo que é de interesse para uma criança deixa de ser para a outra.

Os anos iniciais do Ensino Fundamental é a etapa do processo de alfabetização e letramento escolar das crianças. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p. 59):

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos.

A inserção de estratégias lúdicas e diversificadas auxiliam também nas aprendizagens iniciais da língua escrita. Explorar a ludicidade nesta fase, construindo estratégias que incluam jogos e brincadeiras, permite à criança desenvolver de forma mais prazerosa, competências e habilidades da escrita.

A ação pedagógica voltada às crianças que ingressam no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, se articula as experiências da Educação Infantil, por se tratar de uma fase de transição. Conforme a BNCC (2018, p. 57):

Valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos.

Com ingresso no Ensino Fundamental - Anos Iniciais, as crianças vivenciam mudanças nos processos de interação com o conhecimento, ampliando os contatos com a leitura, a escrita e a linguagem matemática, por exemplo. Nas nossas vivências como professora e também no campo de estágio no curso de Pedagogia, observamos que na Educação Infantil, o trabalho com o lúdico é mais presente no cotidiano das crianças. Na transição para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais, momento mais dedicado a alfabetização, os professores tendem a reduzir o trabalho com práticas de ludicidade. Na condição de professora alfabetizadora, entendemos ser relevante a reflexão das ações e dos trajetos docentes, por isso, nos questionamos como, no cotidiano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, podem ser exploradas as práticas lúdicas para alfabetizar as crianças? A partir desta questão, definimos como objetivo geral deste estudo: refletir sobre as possibilidades de construção e desenvolvimento de práticas lúdicas na alfabetização de crianças do Ensino Fundamental - Anos Iniciais. E os específicos: compreender os sentidos das práticas lúdicas na alfabetização de crianças no Ensino

Fundamental - Anos Iniciais; e configurar práticas lúdicas para alfabetizar crianças no Ensino Fundamental - Anos Iniciais.

As concepções atuais para o preparo inicial e continuado do professor, apontam para a formação de autonomia intelectual, com postura investigativa e de pesquisa, refletindo fenômenos concretos do cotidiano educacional, no campo individual e coletivo, em conexão com conhecimentos teóricos do campo profissional e o contexto social, para assim, propor intervenções significativas e inovadoras, como um intelectual crítico e criativo (Pimenta, 2002; Libâneo 2008).

Conforme Alarcão (2005), os estudantes e professores tanto no espaço acadêmico, quanto na atuação profissional, são sujeitos reflexivos e não reprodutores de modelos educativos e pedagógicos. É fundamental que sejam formados para refletirem nas ações, refletirem sobre a ação, e ainda fazerem uma meta-reflexão sobre a reflexão. Por esta razão, a formação inicial e continuada pode aproximar os professores das realidades e campos de atuação, para poderem refletir e agir sobre e com os fenômenos educativos cotidianos, da alfabetização e as metodologias lúdicas.

Com este trabalho esperamos contribuir com as reflexões docentes sobre as ações alfabetizadoras e as práticas lúdicas no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, propondo mais um espaço de diálogo para pensarmos possibilidades criativas para o trabalho pedagógico e a aprendizagem inicial da língua escrita.

## **2 ELEMENTOS TEÓRICOS**

No Ensino Fundamental - Anos Iniciais é prioridade que as crianças interajam e se apropriar da leitura e da escrita, minorando muitas vezes, as práticas de brincar e do aprender brincando. Na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais, as crianças não podem ser privadas de brincar de forma espontânea ou dirigidas. Brincar é um direito previsto na Lei 8.069 de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA, conforme consta no art. 16. “O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: IV - brincar, praticar esportes e divertir-se”.

Na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais, as atividades lúdicas, como as brincadeiras e os jogos são relevantes às crianças, colaborando para aprenderem e se desenvolvem em diferentes dimensões. O brincar é parte da cultura da criança,

uma ferramenta que favorece a autoestima, o autoconhecimento e o desenvolvimento intelectual, afetivo e social. “Esquecemo-nos facilmente de que quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar, a controlar um universo simbólico particular” (KISHIMOTO, 2017, p. 23). Não podemos deixar de lado a essência do ser criança, que pode mergulhar no mundo da imaginação, da ludicidade, para se divertir, sentir emoções, interagir e aprender.

De acordo com Vygotsky (1991, p. 56) “O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia”. A criança no seu contexto, na vida familiar e pessoal constrói experiências ao longo da vida, por meio da aproximação com o outro e com os objetos de sua cultura. A criança desde cedo aprende a brincar, a se socializar por meio das brincadeiras, a sua maneira, com sua cultura e valores.

“Não existe aprendizagem significativa, nem formação evolutiva para crianças que não brincam, a brincadeira propõe desafios. O brincar não é dar um brinquedo mais intervir na forma de como usa-ló, ensina-ló a brincar” (ANTUNES, 2020)<sup>2</sup>. A brincadeira precisa ser mediada pelos professores nas ações pedagógicas para motivar a criatividade, a atenção e a subjetividade de cada criança.

O trabalho com o lúdico incentiva novos conhecimentos a partir do que as crianças já conhecem. Segundo Antunes (2020) é importante que o professor aguçe os sentidos do aluno na construção de novos conhecimentos, explorando as brincadeiras e as regras dos jogos.

Brincando as crianças aprendem, a cooperar com os companheiros, a obedecer a regras do jogo, a respeitar os direitos dos outros, a acatar a autoridade, a assumir responsabilidades, aceitar penalidades que são impostas, a dar oportunidades aos demais enfim a viver em sociedade (KISHIMOTO, 1993, p. 110).

A criança ao participar de brincadeiras e jogos espontâneos ou direcionados, interage prazerosamente, aprendendo a respeitar regras, a conviver com normas sociais, com os limites impostos pelas atividades. Para Rizzo (2001, p. 40), “[...] a atividade lúdica pode ser, portanto, um eficiente recurso aliado do educador, interessado no desenvolvimento da inteligência de seus alunos”. Um recurso didático construtor de novos conhecimentos e habilidades, mediado pelo professor com intencionalidade educativa. Ao explorar as vivências lúdicas muda-se a rotina da sala de aula, deixando-a mais dinâmica e prazerosa, contribuindo sobremaneira com as crianças.

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por ANTUNES, Celso. **O brincar e o aprender** - III Semana Rede Pedagógica. Arquivo vídeo aula. Disponível em: <https://youtu.be/bxfM5Fru0pg>. Acesso em: 02 ago. 2020.

Educadores e pais necessitam ter clareza quanto aos brinquedos, brincadeiras e/ou jogos que são necessários para as crianças, sabendo que eles trazem enormes contribuições ao desenvolvimento da habilidade de aprender a pensar. No jogo, ela está livre para explorar, brincar e/ou jogar com seus próprios ritmos, para autocontrolar suas atividades, muitas vezes é reforçada com respostas imediatas de sucessos ou encorajadas a tentar novamente, se da primeira alternativa não obteve o resultado esperado (SANTOS, 2002, p.166).

Os jogos e as brincadeiras estimulam a inteligência, a criatividade, o auto conhecimento, o relacionamento interpessoal, quando a criança é privada da brincadeira, lhe é negado uma de suas formas de se expressar e interagir com o mundo social. O professor ao incluir no planejamento pedagógico as brincadeiras, propicia um espaço lúdico capaz de articular práticas tradicionais e tecnológicas. Nunes e Becker (2000, p. 5) afirmam que, “[...] apesar de estarmos vivendo uma nova era tecnológica, a criança não é gente grande. Ela continua a ser criança.” Para as referidas autoras, o brincar atualmente, está interligado a tecnologia, e a diversão está ao alcance das mãos para aqueles que têm acesso aos recursos tecnológicos e digitais.

Toda vez que a criança brinca e joga está aprendendo e ampliando as relações com o contexto social e com o outro, desenvolvendo habilidades para interagir com desafios, conflitos e emoções.

Brincando, a criança desenvolve a imaginação, fundamenta afetos, explora habilidades, e à medida que assume múltiplos papéis, fecunda competências cognitivas e interativas. Como se isso tudo já não fizesse do ato de brincar o momento maior da vida infantil e de sua adequação aos seus desafios; é brincando que a criança elabora conflitos e ansiedades, demonstrando ativamente sofrimentos e angústias que não sabe como explicitar. A brincadeira bem conduzida estimula a memória, exalta sensações emocionais, desenvolve a linguagem interior – e a exterior; exercita níveis diferentes de atenção e explora com extrema criatividade, diversos estados de motivação (ANTUNES, 2020, p. 34).

As crianças valorizam e apreciam as práticas lúdicas, em particular as que estão na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Neste sentido, integrar elementos lúdicos ao cotidiano e as estratégias para o ensino da leitura e da escrita podem garantir melhores interações e aprendizagens com a língua escrita.

O domínio da escrita e da leitura é fundamental para que crianças possam garantir o direito de interagir com diversas expressões e informações que circulam na sociedade. A apropriação da língua escrita propicia à formação crítica, leitora e produtora de textos, imprescindível à prática e o exercício da cidadania.

Alfabetizar é um trabalho docente desafiante, um processo que necessita de práticas inovadoras. Soares (2004a, p. 11) afirma ser a “alfabetização o processo de aquisição do sistema

convencional de uma escrita alfabética e ortográfica”. A palavra alfabetização tem seu significado representativo, quando a criança adquire habilidades da escrita e da leitura, ambas consideradas essenciais para o processo de alfabetização.

Para Soares (2004a, p. 97) “alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever”, “alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”. É configurar práticas e comportamentos do uso do sistema da leitura e da escrita alfabética no contexto social. O indivíduo alfabetizado e letrado é capaz de compreender o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais.

[...] alfabetização e letramento – são, no estado atual do conhecimento sobre a aprendizagem inicial da língua escrita, indissociáveis, simultâneos e interdependentes: a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído, e de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita; por outro lado, a criança desenvolve habilidades e comportamentos de uso competente da língua escrita nas práticas sociais que a envolvem no contexto do, por meio do e em dependência do processo de aquisição do sistema alfabético e ortográfico da escrita. (SOARES, 2004b, p.100).

Para Soares (2004b) aprender a ler e a escrever e fazer uso da leitura e da escrita, transformam o indivíduo, leva-o a outro estado ou condição, social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros. As práticas lúdicas entram nesse processo como ferramenta relevante, o uso pedagogicamente adequado ajuda as crianças a avançarem nas diferentes fases da alfabetização.

A alfabetização é uma fase na vida da criança na qual se depara com um mundo de símbolos. O professor dentro desse contexto terá a função de mediar o processo de aprendizagem e propor desafios por meio de atividades lúdicas planejadas, conduzindo o aluno à alfabetização e ao mundo letrado.

Os elementos lúdicos fazem parte do mundo da criança, sendo excelentes contribuintes para o processo de alfabetização, tornando os objetos de conhecimento e as aprendizagens mais prazerosas e interativas, incentivando a autonomia e o trabalho coletivo.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

Este trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo em educação, o qual respalda o pesquisador, a depender do problema ou questão de pesquisa, explorar referenciais bibliográficos, documentos ou outras informações construídas sobre sujeitos ou espaços

educativos. De acordo com Minayo (2001, p. 14, apud FONSECA, 2002, p. 20) a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. O pesquisador qualitativo pauta os estudos na interpretação das práticas dos sujeitos, nas experiências, fenômenos, lugares e cotidianos, por exemplo.

Na pesquisa qualitativa não existem metodologias boas ou ruins, mas, a que melhor se adequa ao objeto de estudo. Desta forma, um dos procedimentos metodológicos adotados foi a utilização de registros pessoais, relacionados as vivências docentes construídas com crianças do 1º Ano do Ensino Fundamental.

Os estudos sobre a reflexão das práticas profissionais considera que as práticas docentes ao serem registadas de forma sistemática, auxiliam ao professor refletir e construir novos saberes profissionais, oportunizando inovar seu trabalho e se qualificar continuamente. Segundo Gregoski e Domingues (2018, p. 4), o professor reflete durante a ação e sobre ação docente. “A reflexão na ação e sobre a ação se relacionam entre si, sendo que a primeira ocorre durante a prática e a segundo, após o acontecimento da prática. Com isso, o pensamento do professor reformula sua ação amparada em seu conhecimento”. O professor, ao planejar e desenvolver os planejamentos articula saberes e ações, refletindo o desempenho de seu trabalho, reformulando práticas e saberes para gerar novas ações docentes.

Alarcão (2001, p. 3) considera que a “[...] reflexão é importante sobretudo para nós, os educadores, já que temos uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação do futuro”. Hoje vivemos em momentos de incertezas, rápidas mudanças seja educacional ou pedagógicas, vivenciamos uma crescente mudança no formato de ensinar, por isso, o professor é motivado à formação continuada, fazendo pesquisas, refletindo as práticas pedagógicas à luz de teorias, para melhor desempenhar a profissão e preparar os alunos para o futuro.

Amparada em conceitos desta natureza, fizemos uso de registros docentes, tais como planejamentos, mediações e atividades produzidas com as crianças, como o nome próprio, a construção de robôes e as formas geométricas, escrita dos nomes, conhecimento das letras e a consciência fonológica.

Outros dois procedimentos metodológicos adotados foram as pesquisas bibliográfica e documental, as quais têm por base fontes primárias e secundárias sobre o tema em questão. A pesquisa bibliográfica abrangeu a leitura e o fichamento de obras publicadas, como livros,

monografias, artigos, o que nos deu oportunidade de examinar nosso tema na literatura disponível. Para Lakatos e Marconi (2003, p.183) “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A pesquisa documental inclui fontes escritas ou não, documentos oficiais, documentos jurídicos, fonte estatísticas (GODOY, 1995). Quando o pesquisador seleciona os tipos de documento que deseja investigar deve optar pelos que ofertam um enfoque maior de dados sobre a pesquisa. Assim, caberá ler, explorar, classificar e analisar atentamente os documentos escolhidos, os quais ofertará direcionamentos para responder os objetivos de pesquisa.

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes/Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 2002, p. 45).

Empreendemos a realização da pesquisa bibliográfica em artigos científicos e livros, publicados por meios impressos e online. Selecionamos materiais como: *Alfabetização e Diversidade* (ABREU; LOPES; MATTOS, 2010); *Escola reflexiva e nova nacionalidade* (ALARCÃO, 2001); *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências* (ANTUNES, 2000); *Corpo, movimento e ludicidade: uma contribuição ao processo de alfabetização* (NUNES, 2000); *A Importância das brincadeiras e Jogos na Educação Infantil* (KISHIMOTO, 1993); *O brincar e suas teorias* (KISHIMOTO, 2017); *O jogo e a educação infantil* ( KISHIMOTO, 1998); *Letramento e Alfabetização: as muitas facetas da alfabetização* (SOARES, 2004a); *Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos* (SOARES, 2004b); (SANTOS, 2007); *A formação social da mente* (VYGOTSKY, 1991).

Quanto aos documentos trabalhados, constam a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatutos da Criança e do Adolescente (ECA); Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018).

Para sistematização dos resultados realizamos leituras e notas de registros pessoais, livros, artigos e documentos, destacando informações relacionadas com os objetivos propostos. Esse foi o caminho pelo qual selecionamos dados que consideramos relevantes para os resultados e as discussões apresentados na seção seguinte.

## **4 PRÁTICAS LÚDICAS E ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS**

A discussão dos resultados deste trabalho foi sistematizada em duas subseções, as quais tomaram como referência o objetivo geral e os específicos. Assim, propomos como subseções: Reflexões sobre alfabetização e práticas lúdicas; e Alfabetização com práticas lúdicas: vivências docentes.

### **4.1 Reflexões sobre alfabetização e práticas lúdicas**

O lúdico integra a cultura das infâncias e da criança, estando presente em suas vidas por meio de diversas práticas, desde as canções de ninar, as brincadeiras e contações de histórias, por exemplo. Elementos lúdicos, brincadeiras e jogos, são explorados com as crianças, principalmente, na Educação Infantil, para construção de novos conhecimentos e experiências, prestigiando formas prazerosas de interação. No Ensino Fundamental - Anos Iniciais, a exploração didático-pedagógica, não pode ser indiferente, uma vez que a cultura infantil ainda está presente e os elementos lúdicos, jogos, brinquedos e brincadeiras são ferramentas motivadoras de desafios e aprendizagens.

Na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental Anos Iniciais, o trabalho com o lúdico estimula estratégias para construção do conhecimento da criança, gerando novos saberes, a convivência coletiva, o respeito, o fortalecimento da identidade e do trabalho em grupo. Nesta fase educacional, as crianças são motivadas a interagir com práticas de leitura e de escrita presentes no contexto social, objetivando a iniciação à alfabetização. O domínio da escrita e da leitura garante as crianças formas de interação, comunicação e compreensão de diversas informações que circulam socialmente.

Segundo Mortatti (2006, p.3) “os processos de ensinar e de aprender a leitura e a escrita na fase inicial da escolarização de crianças se apresenta como um momento de passagem para um mundo novo”. A alfabetização é uma fase de novas experiências em que o aluno se depara com diversas descobertas. Neste processo, é de suma importância que as crianças aprendam o nome das letra, sua forma e sua escrita, para que possam avançar no desenvolvimento da língua escrita. A partir das interações com a escrita e as mediações pedagógicas dos profissionais, a criança constrói hipóteses baseadas no seu conhecimento prévio, que vão se modificando de acordo com novas aprendizagens.

As crianças são protagonistas do próprio desenvolvimento, mesmo antes de frequentarem a escola, interagem com conhecimentos diversos da sociedade letrada, com informações escritas, aprendendo a identificar significados e significantes, por meio de desenhos e brinquedos, por exemplo.

[...] a alfabetização é um processo que se inicia muito antes da entrada na escola, nas leituras que o sujeito faz do mundo que o rodeia, através das diferentes formas de interação que estabelece. Se a língua escrita constitui-se “objeto” de uso social no seu contexto, os atos de leitura e escrita com os quais interage podem levá-lo à elaboração de estruturas de pensamento que lhe permitam compreendê-la e paulatinamente apropriar-se dela. Quando chega à escola, o sujeito vai estar em algum momento desse processo de compreensão. Assim, se vier de um ambiente social alfabetizado, já terá certamente pensado sobre este objeto de conhecimento. Contudo, se vier de um ambiente analfabeto, ignora-o e precisa fazer na escola o caminho que o outro vem fazendo desde o nascimento (MOLL, 1996, p. 70).

O conhecimento das letras e o desenvolvimento da consciência fonológica precisam se colocar em movimento, de forma articulada durante o processo de alfabetização para que a criança possa compreender as diferenças e relações entre a forma das letras e os fonemas que elas representam. Estudiosos como Adams et. al (2006, p. 21) afirmam que há diferentes níveis de consciência fonológica.

[...] a fonologia é o estudo das regras inconscientes que comandam a produção de sons da fala. A fonética, por sua vez, é o estudo da forma como sons são articulados, e a fônica é o sistema pelo qual os símbolos representam sons em um sistema de escrita alfabético.

A consciência fonológica trabalha habilidades que envolve a percepção dos sons das palavras, ou seja, os sons emitidos pela fala podem ser representados por letras. As habilidades de consciência fonológica são divididas em três tipos: consciência da sílaba, consciência das unidades intrassilábicas e a consciência do fonema. A consciência silábica é a consciência do som das sílabas; a consciência intrassilábica é a percepção de rimas, quando as palavras terminam ou começam com o mesmo som; e a consciência fonêmica refere-se as pequenas unidades de fala e correspondem a letras do sistema de escrita alfabética (ADAMS et al., 2006).

Carvalho (2011, p. 49) enfatiza “[...] para aprender a ler é preciso conhecer as letras e sons que representam”. É preciso que a criança saiba conhecer e identificar o nome, a forma e o som de letra e sílabas. A autora afirma que ensinar a ler e a escrever, não consiste apenas em codificar e decodificar a escrita, esta dinâmica exige que a criança reflita e levante

questionamentos sobre a escrita para representar o som e a agrafia do que pretende escrever, em situações contextualizadas de práticas de escrita sociais.

No processo alfabetizador, as práticas lúdicas é uma ferramenta essencial, elas primam pela criação de propostas pedagógicas prazerosas que envolvam por exemplo, a imaginação, as artes, os brinquedos, jogos e brincadeiras. O trabalho com estratégias e recursos lúdicos na alfabetização exploram habilidades visuais, auditivas, afetivas e sensório-motoras, motivando à aprendizagem da escrita inicial. O uso do lúdico nas estratégias didáticas ajuda o professor, a mediar o aluno na aprendizagem de ler e escrever, sendo capaz de conhecer os significados das letras e das palavras, os colocando na vivência do mundo letrado, que desde cedo mantém contato.

O professor ao trabalhar com práticas lúdicas cria possibilidades de a criança interagir com os objetos de conhecimento de forma espontânea e dinâmica. Segundo Borba (2007, p. 43) “Ao planejarmos atividades lúdicas, é importante perguntar: a que fins e a quem estão servindo? Como estão sendo apresentadas? Permitem a escuta das vozes das crianças?”. Desta forma, fica claro que é preciso o professor refletir sobre as estratégias lúdicas, se perguntando para que servirá, como desenvolvê-las, e se permitirá a participação ativa das crianças.

Como professora do 1º ano do Ensino Fundamental, vivenciamos juntos as crianças a etapa de alfabetização. Nos planejamentos privilegiamos metodologias lúdicas e participativas, que buscam valorizar a autonomia, explorando brincadeiras, jogos, músicas entre outras atividades que tenha o lúdico como base. Buscamos trabalhar de forma que a criança seja um sujeito participativo, respeitando seu tempo e as vivências. Organizamos atividades em sintonia com as necessidades e os interesses das crianças, para facilitar experiências de novos conhecimentos, ampliando suas vivências e que já conhecem.

Entendemos o trabalho com as práticas lúdicas como ferramenta valiosa, principalmente, quando desenvolvidas com crianças com desafios de aprendizagem. Os elementos lúdicos proporcionam dinamismo no trabalho em sala de aula, incentivando também a criatividade, a comunicação e a interação entre crianças, as famílias e o docente.

No contexto atual da pandemia da Covid-19, o trabalho com o lúdico auxilia sobremaneira as aulas remotas, mediando as crianças em frente a tela, seja no computador ou no aparelho de telefone celular. Mesmo distante da sala de aula física, no trabalho remoto emergencial, buscamos dinamismo, propondo brincadeiras e jogos que possam mediar os objetos de conhecimento sobre a aprendizagem da escrita inicial. Usamos plataformas educacionais que ofertam jogos online, como por exemplos, Escola games: Jogos educativos, e

Portal educação conquista. Fazemos uso de aplicativos como o Ler e contar, Bini Abc, os quais auxiliam na alfabetização. O jogo e as brincadeiras, são, portanto, experiências que desenvolvemos com as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, objetivando ampliar as competências e habilidades da alfabetização.

#### **4.2 Alfabetização com práticas lúdicas: vivências docentes**

Na condição de professora do 1º ano do Ensino Fundamental planejamos e desenvolvemos práticas pedagógicas alfabetizadoras que exploram elementos lúdicos, como forma de favorecer à aprendizagem inicial da escrita pelas crianças, razão pela qual escolhemos refletir sobre quatro atividades propostas. A primeira vivência, que damos enfoque, explorou a escrita do próprio nome.

Trabalhar o nome próprio no início da alfabetização é ter uma valiosa fonte de informação disponível para outras indagações e aprendizagens, que servirão para produzir outras escritas e leituras, além de ter estreita relação com a construção da identidade da criança. A escrita do nome próprio é uma importante conquista da criança que se alfabetiza. Além de ter um valor social muito grande, favorece a reflexão sobre o sistema. (ABREU; LOPES; MATTOS, 2010, p.11)

O nome próprio é uma escrita dotada de significados para a criança, representando as primeiras relações de pertencimento e identidade, que a acompanhará durante a vida. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999, p. 215), o nome próprio aparece “como a primeira forma de escrita dotada de estabilidade, como protótipo de toda escrita posterior, em muitos casos, cumpre uma atenção muito especial na psicogênese”. Entendido como um texto repleto de sentido, a criança interage com seu nome e compara com os de outros colegas, observando a escrita e as letras que compõe o sistema alfabético.

A criança convive com o mundo de sons em sua volta, a exemplo da língua falada, em especial os sons das palavras que seus familiares pronunciam, principalmente o som do seu nome. Conforme vai se desenvolvendo ela identificar seu nome através do som que é pronunciado, mais ainda não tem noções das letras que o compõe. Apresentar o nome, explorar a história, sua grafia e sonoridade, é uma fase relevante para ser vivenciada na alfabetização.

Na alfabetização um dos objetivos é o trabalho com o nome próprio, para conhecer as letras, a grafia e as relações sonoras. Este trabalho envolve a consciência fonológica e a segmentação das palavras, observando as sílabas. A criança em fase de alfabetização compara o som das palavras, fazendo aproximações com o som do seu nome ou com o do nome de seus

colegas, familiares e amigos. O professor deve considerar o conhecimento prévio da criança, utilizando diferentes estratégias, pedindo para pronunciarem palavras que tenham o mesmo som do seu nome, sons iniciais ou finais.

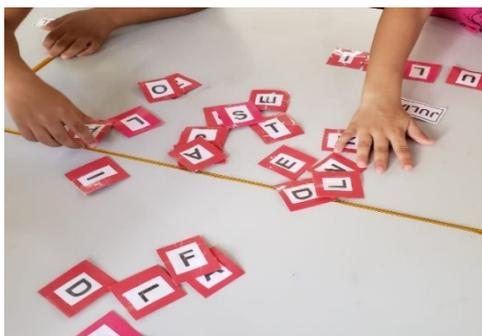
Nesta fase, o professor pode elaborar atividades lúdicas, que motive a escrita do nome próprio, como também palavras que estejam nos textos trabalhados em sala de aula, utilizando brincadeiras como bingo, dança das cadeiras dos nomes, letras móveis, plaquinhas com o nome, entre outras atividades. Uma prática alfabetizadora que explora a sequência do alfabeto está sujeitando a criança ao ato de apenas memorizar, uma vez que quando se desmembra a sequência a criança não consegue lembrar do nome da letra, nem a identificar com facilidade.

A atividade do nome próprio que desenvolvemos objetivou que as crianças elaborassem o conhecimento das letras do nome, a quantidade, posição e a ordem de escrita. Inicialmente preparamos o alfabeto móvel com a impressão das letras em caixa alta maiúsculas, deixando a apresentação da letra cursiva para outro momento. Colamos cada letra em pedaços de eva e passamos o papel *contact* adesivo transparente, para torná-las mais resistentes, já que as crianças manipulariam o material quando houvesse necessidade. Para somar-se a este material didático, usamos o alfabeto móvel feito em peças de madeira, disponível na escola.

O material ficou acessível às crianças para que pudessem ter contato com as letras do sistema alfabético. Foi proposto que procurassem no meio das letras as que pertenciam a escrita do seu prenome, para formar a sequência de letras. As crianças que ainda não conseguiam reconhecer as letras fizeram uso da ficha dos nomes para facilitar a identificação.

Neste momento mediamos as crianças, mostrando não só a forma da letra, mais o nome, o som e a grafia, como por exemplo: MARIA, M/A/R/I/A. Nesta ordem, a criança além de aprender as letras individualmente, perceberam quantas letras formavam o nome próprio, estabelecendo semelhanças e diferenças com os nomes de colegas.

Figura 1. Alfabeto móvel



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Figura 2. Alfabeto móvel de madeira



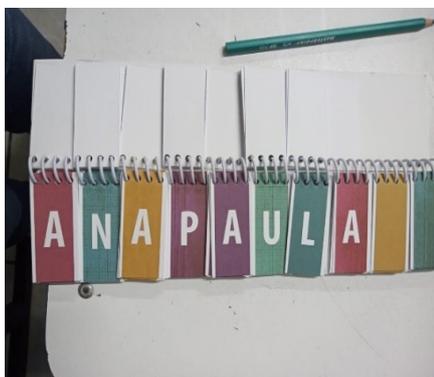
Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O alfabeto é formado por letras e cada letra possui uma grafia e um som que lhe representa, sendo essencial que a criança compreenda esse processo para poder avançar na escrita alfabética.

Nosso sistema de escrita é alfabético. Seu princípio básico é o de que cada “som” é representado por uma “letra”. Esse aprendizado é decisivo no processo de alfabetização, e se realiza quando o educando entende que o princípio que regula a escrita é a correspondência grafema-fonema. (ABREU; LOPES; MATTOS, 2010, p.5)

A segunda atividade, o varal de letras é composto por dez partes, podendo formar palavras que possuam até dez letras. Os nomes das crianças ficaram dispostos em ordem alfabética e as letras em tarjas coloridas, oferecendo desafios para perceberem diferenças e semelhanças entre nomes e a quantidades de letras. A criança procurava em cada bloco, as letras pertencentes ao seu nome, identificando-as, nomeando-as e compreendendo a ordem alfabética.

Figura 3. Varal de letras

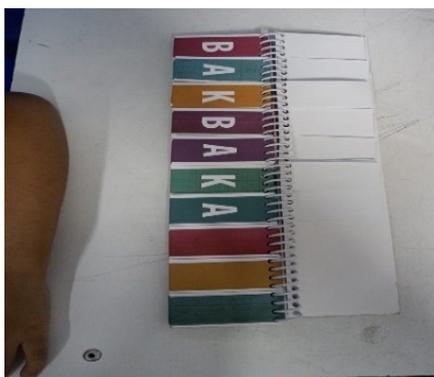


Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nesta atividade as crianças escreveram seu nome e depois o nome da professora Ana Paula, o qual começa com a primeira letra do alfabeto. O objetivo era que conseguissem compreender que a escrita do nome não muda e sim os tipos de letras do alfabeto. Nesta fase de escrita do nome, a reflexão se torna importante para perceberem as diferenças das letras maiúsculas e minúsculas, como também variações de fontes com as quais precisam se familiarizar.

Uma das crianças formou o nome com a quantidade correta de letras, mas no lugar do “R” colocou a letra “K”. Lemos juntas a palavra e perguntamos se o nome pronunciava-se “BAKBAKA”, ela alegou ser “BÁRBARA” e não BAKBAKA. Nesta atividade observamos que a criança vivencia o nível conceitual da escrita silábica alfabética, na perspectiva da teoria da psicogênese da língua escrita.

Figura 4. Varal de letras.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Figura 5. Varal de letras.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Na área de linguagem, quanto as competências de escrita, encontra-se o nível conceitual de escrita pré-silábica, silábica, silábica alfabética e alfabética, de acordo com os estudos da pricogênese da língua escrita de Ferreiro (2011). Na hipótese da escrita pré-silábica, as crianças grafam letras, desenhos e outros símbolos, sem se preocupar com a quantidade de letras e com que letras necessitam escrever. Reconhecem que para escrever é preciso empregar letras, a escrita não é estável mas a criança compreende o que quis escrever (FERREIRO, 2011).

No nível silábico, a criança percebe que a sílaba se dá por mais de uma letra (consoantes e vogais) e passa a observar as variações sonoras, conseguindo identificá-las, porém, não faz relação literal da sílaba e o som, assim como pode oscilar na quantidade de letras utilizada para formar uma palavra (FERREIRO, 2011).

Este nível apresenta dois momentos, o silábico sem valor sonoro e o silábico com valor sonoro. No sem valor sonoro, a criança tem conhecimento limitado das letras do alfabeto e da sua grafia como também na escrita de uma palavra acrescenta mais letras. No valor sonoro, ela tenta fonetizar a escrita e dar valor sonoro as letras como também domina o conhecimento da maioria das letras do alfabeto.

O nível silábico-alfabético se caracteriza pela transição do nível silábico para o alfabético, e a criança se norteia ora pela hipótese silábica, atribuindo uma letra por sílaba, ora pela hipótese alfabética, atribuindo mais de uma letra para representar a sílaba. Ela progride para o nível alfabético ao identificar todos os sons da palavra, utilizando os grafemas correspondentes para representá-los, ou seja, “ [...] colocando letras para cada um dos “sonzinhos” que aparecem em cada sílaba” (MORAIS E LEITE, 2012, p. 15).

O alfabeto móvel e o varal de letras que utilizamos favoreceram as crianças pensarem e interagirem com seu nome, os nomes de colegas, formar novas palavras a partir da letra inicial,

como também das sílabas iniciais ou finais. Atividades como estas incentivam o desenvolvimento de novas habilidades de escrita.

A escrita do nome próprio é uma importante conquista da criança que se alfabetiza. Além de ter um valor social muito grande, favorece a reflexão sobre o sistema. Trabalhamos bastante o nome próprio e dos colegas no início do processo da alfabetização, para que essas palavras tão significativas se tornem referência para as crianças, em variadas situações: [...] (ABREU; LOPES; MATTOS, 2010, p.11,12).

A escrita do nome próprio é uma conquista para a criança, tem valor sentimental e identitário e se torna referência para compreender a escrita de outras palavras, avançando para o nível da escrita alfabética.

Na terceira atividade, utilizamos a ficha dos nomes para trabalhar o reconhecimento do nome e sobrenome. Neste momento o professor ajuda o aluno não só a reconhecer as letras do alfabeto, mais desenvolver a consciência fonológica.

Nesta atividade colocamos os nomes e sobrenomes dos alunos na ficha em cima da mesa, todas escritas com letras cursivas. As crianças foram chamadas individualmente para que observassem e identificassem seu nome.

Neste momento valorizamos a postura ativa, sem medo de indagar e participar com autonomia da atividade. Se o aluno não reconhecesse o nome completo, perguntávamos a letra inicial, pedido para separar as fichas que começavam com a mesma letra, assim, teria mais confiança em saber distinguir seu nome de outro.

Figura 6. Ficha dos nomes e sobrenomes



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com a ficha dos nomes, podemos trabalhar o reconhecimento do prenome e sobrenome, utilizando a dinâmica do bingo. O professor faz o bingo de letras e a criança acompanha a brincadeira, identificando as letras que compõe seu nome e a contagem das letras. Neste

momento o professor ajuda o aluno não só a reconhecer as letras, mas construir consciência fonológica.

Quando a criança já consegue produzir o nome completo, abandona o uso da ficha, pois, se torna mais confiante para avançar no processo de escrita, compreendendo que as letras que compõem o nome possuem sonoridade e que as palavras possuem significados.

Para alfabetizar-se, um indivíduo – criança, jovem ou adulto – precisa, inicialmente, compreender uma série de propriedades do sistema alfabético, para poder vir a usar as letras desse sistema com seus valores sonoros convencionais. Precisa, assim, compreender que o repertório de letras usadas para escrever sua língua é fixo, que não pode inventar letras e que só poderá usar as letras que, de fato, são utilizadas por quem já sabe ler e escrever. Precisa, ainda, compreender que o que a escrita alfabética nota ou representa são os segmentos sonoros das palavras (e não seus significados ou as características físicas dos objetos que elas nomeiam) e que, para registrar a pauta sonora das palavras, colocamos no papel mais letras que as sílabas que pronunciamos. Precisa, também, compreender quais são as combinações ou seqüências de letras permitidas e as posições em que elas podem aparecer... além dos valores sonoros que podem assumir (MORAIS, 2007, p. 16,17).

Nas aulas presenciais ou virtuais buscamos maneiras de desenvolver práticas lúdicas, criando estratégias para favorecer a criança participar dos momentos síncronos sob nossa mediação. Segundo Abreu et al. (2010, p.30), a mediação é “[...] qualquer forma de interferência que possibilite a aprendizagem de um novo conhecimento (educador, colegas, materiais didáticos etc.)”. A aprendizagem mediada com brincadeiras, jogos, oportuniza valorizar o conhecimento prévio em novas aprendizagens. Não basta que a criança se aproprie de conhecimentos, habilidades e valores, mas transforme o que aprendeu em novo conhecimento e capacidades para resolver demandas cotidianas diversificadas.

Na quarta atividade, exploramos o objeto de conhecimento formas geométricas articulando a interdisciplinaridade com alfabetização e artes. A proposta foi transformar materiais recicláveis em brinquedos, observando características, semelhanças e diferenças entre as formas geométricas, bem como a produção da escrita dos nomes das figuras. Elaboramos a atividade com a finalidade de as crianças criarem conjuntamente com os familiares, um robô, usando materiais que normalmente são descartados em casa.

O robô tem várias formas geométrica na composição, em sua confecção as crianças trabalharam espontaneamente com as famílias, visto que confeccionar o próprio brinquedo pode se tornar uma brincadeira criativa entre as crianças e os pais, um convite irrecusável para se expressarem de forma lúdica e ampliarem a imaginação.

As crianças apresentaram como ocorreu o processo de produção, qual o nome dado ao robô, quanto tempo durou a confecção, quais materiais usaram e formas geométrica que

apareciam no robô. Em um segundo momento fizemos a leitura do poema de Isabel Cristina Silveira Soares (2019) “As formas geométricas”, a partir do qual as crianças circularam em cada estrofe do texto, as características das formas geométricas citadas, fazendo reflexão das formas planas e o que diferenciam uma da outra. Foi exposta uma foto de três robôes para observassem quais figuras geométricas planas mais apareciam no seu robô, em seguida pintaram as formas encontradas, escrevendo os nomes. A produção escrita foi realizada com mediação docente, auxiliando no reconhecimento da grafia das sílabas que apresentava sons mais complexos, como as palavras “**quadrado é triângulo**”.

A seguir as figuras dos robôes construído pelas crianças do 1º ano do Ensino Fundamental.

Figura 7. Robô I



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Figura 8. Robô II



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Figura 9. Robô III



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Figura 10. Os robôs construídos



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Conforme Borba (2007) a imaginação faz parte do brincar, é um processo que se constrói desde criança até o resto da vida. Nos faz sonhar, permitindo ao sujeito crie e recrie despreendido do mundo real, criando um novo mundo a partir dos seus desejos.

A imaginação, constitutiva do brincar e do processo de humanização dos homens, é um importante processo psicológico, iniciado na infância, que permite aos sujeitos se desprenderem das restrições impostas pelo contexto imediato e transformá-lo. Combinada com uma ação performativa construída por gestos, movimentos, vozes, formas de dizer, roupas, cenários etc., a imaginação estabelece o plano do brincar, do fazer de conta, da criação de uma realidade (BORBA 2007, p. 36).

As práticas lúdicas estimulam o desejo de aprender, muitas vezes as crianças que estão em processo de alfabetização ficam retraídas, com medo de participar, medo de não atender as expectativas do outro, cabe ao professor criar formas de elas se expressarem e serem ouvidas. O professor ao motivar a expressão, a escuta e o diálogo, incentiva à participação e a criança perde o medo de expor ideias e sentimentos. É importante no processo educativo deixar a criança se expressar livremente, assim como ao professor saber ouvi-las. As práticas lúdicas são mediadoras de interação e expressão, podem ser exploradas com as crianças para brincar, jogar e construir conhecimentos e experiências, unindo culturas diferentes, criando regras, cultivando amizades e fortalecendo vínculos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em vista das reflexões das práticas lúdicas construídas para alfabetização de crianças do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, concluímos que os jogos e as brincadeiras ajudam a motivar a criatividade e a socialização das crianças, e que a prática lúdica é uma ferramenta didática pedagógica promotora de dinamismo em sala de aula, como também nas atividades que envolvem os pais no âmbito familiar, facilitando a interação, a criatividade e a diversão.

O lúdico integra a vida das crianças e o professor pode explorá-lo no trabalho pedagógico para promoção de situações de aprendizagem significativas e divertidas. As práticas lúdicas ao serem mediadas com objetivos de aprendizagem estabelecidos, promovem o prazer e o desejo de conhecer o novo, ajudando o aluno no desenvolvimento afetivo, social e intelectual, propiciando novos conhecimentos a partir do que já conhecem previamente.

A alfabetização é uma fase de novas experiências, na qual a criança interage com o mundo letrado, fazendo-se necessário a interação com textos diversificados e o conhecimento

do sistema alfabético para que possam avançar na aprendizagem da língua escrita em suas diferentes fases. Explorar os elementos lúdicos em atividades mediadas é essencial para superar possíveis desafios de aprendizagem das crianças.

Diante das reflexões produzidas, entendemos que os objetivos deste trabalho foram alcançados, ficando evidenciado que o ato de brincar articula-se ao que a criança já conhece e abre espaço para o novo. As práticas lúdicas são uma porta para o processo de ensino-aprendizagem na nossa vida profissional, fomentam momentos significativos no trabalho individual e coletivo com as crianças, tornando as aulas mais participativas.

Aprendemos que os espaços e as práticas educativas é o professor quem cria, cabendo a pesquisa e reflexão, buscando conhecimentos teóricos e procedimentais para reconstruir os saberes profissionais. Na trajetória de escrita deste trabalho percebemos que nem sempre o que se sabe é o melhor caminho, e o que se aprende nunca é o suficiente. Como professora, este estudo nos proporcionou momentos de reflexão sobre nossa prática demonstrando que o uso das práticas lúdicas em sala de aula de forma mediada, oferta saberes, interação e aproximação da criança com os conteúdos, estimulando-o a construir novos conhecimentos e novas experiências de forma divertida e dinâmica.

Pretendemos continuar na busca da compreensão e da inovação das formas de ensinar e de aprender, priorizando metodologias prazerosas e dinâmicas, capazes de proporcionar aprendizagens significativas às crianças que estão se alfabetizando. Com isso, pretendemos continuar na caminhada docente, para formar cidadãos mais preparados para o presente e futuro deste país.

## REFERÊNCIAS

ABREU, C. M.; LOPES, J. R.; MATTOS, M. C. E. **Caderno do educador**: alfabetização e letramento, In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada.

**Alfabetização e diversidade**: Brasília: MEC/SEC, 2010. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 31 mar. 2021.

ADAMS MJ; FOORMAN BR; LUNDBERG I; BEELER T. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed; 2006.

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova nacionalidade**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **O brincar e o aprender**. Vídeo da III Semana Rede Pedagógica. Disponível em: <https://youtu.be/bxfM5Fru0pg>. Acesso em: 02 ago. 2020. Duração: 1:11:58

BECHARA, Evanildo (organizador). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. 2. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2006. p. 33-45.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm). Acesso em: 15 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

**Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: 07 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

**Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf).

Acesso em: 10 out. 2020.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 8 ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2011.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1999.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. 20.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica: Pesquisa bibliográfica**. Fortaleza: UECE, 2002. Disponível em:

<http://197.249.65.74:8080/biblioteca/bitstream/123456789/716/1/Metodologia%20da%20Pesquisa%20Cientifica.pdf> Acesso em: 9 nov. 2020.

GREGOSKI, L. P. e DOMINGUES, T. M. O professor reflexivo sobre sua prática e a pesquisa. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 03, n. 12, v. 06, p. 86-96 dez. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE - **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

KISHIMOTO, T. M. **O brincar e suas teorias**. 12 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

\_\_\_\_\_. **Jogos tradicionais infantil: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2008.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MORAIS, Artur Gomes de. LEITE; Tânia Maria S. B. Rios. **A aprendizagem do sistema de escrita alfabética**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Brasília: MEC/SEB, 2012.

MORTATTI, Maria Rosário longo. **Seminário “alfabetização e letramento em debate”**. Departamento de políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretária da Educação Básica do Ministério da Educação, Brasília: 2006.

NUNES, Ana Luiza Ruschel e BECKER, Liane Silveira. Corpo, movimento e ludicidade: uma contribuição ao processo de alfabetização. **Revista Educação**, v. 25, n. 02, p. 21-30. jul. - dez. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/issue/view/1403>. Acesso em: 05 fev. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: \_\_\_\_\_. **Saberes pedagógicos e atividade docente** (Org.). 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

RIZZO, Gilda. **Jogos inteligentes: a construção do raciocínio na escola**. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro: 2001.

SANTOS, Marli Pires dos (Org.). **O lúdico na formação do educador**. 7 edição. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, A.; MORAIS, A.; MELO, K. **Ortografia na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: As muitas facetas da alfabetização. **Caderno de Pesquisas**, São Paulo: n. 52, p. 1- 135, fev. 2004a.

\_\_\_\_\_. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, ano VII, n. 19, fev. abr. 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Psicologia e Pedagogia, o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.